

HISTÓRIA & UTOPIAS



ORGANIZAÇÃO
Ilana Blaj
John M. Monteiro

A N P U H

Associação Nacional de História

HISTÓRIA & UTOPIAS

*Textos apresentados no XVII Simpósio
Nacional de História*

Organização
John Manuel Monteiro
Ilana Blaj

A N P U H

Associação Nacional de História

1996

A UTOPIA DA GRANDE LITERATURA

Frey Apollonio — um romance do Brasil?

Karen Macknow Lisboa

Pós-Graduanda/Universidade de São Paulo

Quem lê a literatura de viagem sobre o Brasil do século XIX dificilmente não conhece o botânico Carl Friedrich Philipp von Martius. Sua projeção se deu pelo vasto relato, cuja tradução completa, intitulada *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*, chegou em 1938 ao público leitor brasileiro.¹ Trata-se da longa expedição científica realizada com o zoólogo Spix, sob os auspícios do rei Maximilian I da Baviera e organizada pela Real Academia de Ciências de Munique. Mas o nome de Martius não só é familiar aos estudiosos e apreciadores desse gênero literário. Sua obra desdobrou-se no campo da pesquisa naturalista, consagrando-o como grande especialista na flora brasileira. Além disso, o autor foi um dedicado investigador da etnologia, editando vários estudos sobre os índios do Brasil. Também fez uma breve incursão no campo da história com o tratado “Como se deve escrever a história do Brasil” (1843), premiado num concurso promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico em 1847.²

Em 1831, quando da edição do terceiro volume da *Viagem pelo Brasil* (o primeiro saiu em 1823, o segundo em 1828) Martius terminava o manuscrito

-
- 1 Joh. Bapt. von Spix & Carl Friedr. Phil. von Martius, *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. Königs von Baiern in den Jahren 1817-1820*, Munique, 1823-31, 3 vols. e um atlas. A primeira tradução integral no Brasil da *Reise in Brasilien (Viagem pelo Brasil, 1817-1820)* é de Lúcia Furquim Lahmeyer, com revisão de Ramiz Galvão e anotações de Basílio de Magalhães, promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e publicada pela Imprensa Nacional, em 1938 (3 vols. e um atlas). Em 1961, a Companhia Melhoramentos publica nova edição da mesma tradução. Em colaboração com o Instituto Nacional do Livro, em 1976, há uma terceira edição. E a quarta edição, porém sem atlas, é de 1981, pela EDUSP/Itatiaia (Coleção Reconquista do Brasil).
 - 2 C. F. P. von Martius, “Como se deve escrever a história do Brasil,” *O Estado do direito entre os autóctones do Brasil (1832)*, São Paulo, 1982, pp. 85-107.

de *Frey Apollonio: ein Roman aus Brasilien*, seu primeiro — ao que sabemos — único romance. Essa obra, assinada com o seu anagrama Suitram, é o relato ficcionalizado da expedição pelo Amazonas, etapa final da viagem científica que fizera com Spix. No entanto, foram necessários mais de 160 anos para que o romance chegasse ao público leitor. Somente em 1992, ele é editado concomitantemente na Alemanha e no Brasil, em versão traduzida.³

Quando a *Viagem pelo Brasil* completava sua edição Martius já desfrutava no meio científico razoável reconhecimento, ao menos na Baviera. Sua ascensão na carreira de pesquisador da natureza resultou, em grande parte, da viagem feita ao Brasil. Em 1817, quando iniciou sua expedição aos trópicos, com 23 anos, era um jovem doutor em botânica e ocupava o cargo de assistente do professor da Real Academia de Ciências de Munique que também era diretor do Jardim Botânico.

Em final de 1820, terminada a longa missão científica no Novo Mundo, após uma ausência de quase quatro anos, Spix e Martius são recebidos como se fossem “heróis” pelo rei da Baviera e pela comunidade científica. Além de serem elevados à nobreza — daí o “von” que acompanha seus nomes e dos descendentes — Martius é declarado membro ordinário da Real Academia e segundo conservador do Jardim Botânico de Munique.

Em 1826, quando a Universidade de Landshut se transferia para Munique, Martius obtém a cadeira de botânica. Duas vezes por semana a viagem exploratória era tema de curso. Suas aulas eram muito freqüentadas pelos alunos, e, não raramente, as maiores salas eram muito pequenas. E uma vez por semana, à noite, ele deixava sua casa aberta aos estudantes; tinham assim livre acesso à sua biblioteca e ao herbário.⁴ Em 1832, um ano após o término de seu *Frey Apollonio*, morre o seu diretor — de quem era assistente — e Martius é promovido a primeiro conservador do Jardim Botânico e da coleção botânica da Real Academia de Ciências de Munique.

No ano de 1840 é eleito secretário vitalício da seção de matemática e ciências naturais da Academia. Entretanto, passados 14 anos, Martius se vê obrigado a renunciar a seus cargos e abandonar a Real Academia por uma série de desentendimentos. A partir daí se concentra na continuação da *Flora Brasiliensis*. Com a ajuda de outros botânicos, Martius pretendia tratar toda a flora brasileira conhecida até aquele momento. Ao morrer, em 1868, a obra permanece inacabada. Dois discípulos continuam o projeto que completa sua

3 C. F. P. von Martius, *Frei Apolonio — um romance do Brasil*, São Paulo, 1992. A edição alemã: *Frey Apollonio — Roman aus Brasilien*, Berlim, 1992.

4 Karl Mägdefrau, “Leben und Werk des Botanikers C. F. P. von Martius,” In Spix & Martius, *Reise in Brasilien*, Stuttgart, 1980, vol. 1, p. VIII.

edição em 1906. Considerada a maior “flora” publicada na literatura botânica sobre um país,⁵ ela conta 40 volumes, que ao longo de 10.000 páginas de texto e 3811 tábuas descreve 22.767 espécies vegetais.

Em contrapartida, sua inclinação à literatura de ficção tomou outro rumo, permanecendo na marginalidade por um longo período. Martius provavelmente deixou de publicar *Frey Apollonio* não por questionar sua qualidade literária ou por não ter os caminhos abertos ao mercado editorial, e sim talvez por ser um renomado naturalista, professor de uma das mais importantes universidades alemãs e membro de uma relevante academia científica. E ao que tudo indica nem mesmo a inversão das letras do seu nome teria a faculdade de encobrir a autoria. Resguardando a sua criação literária a um circuito íntimo de leitores, o naturalista evitou se expor à comunidade científica bávara e de receber inevitáveis críticas. Talvez temesse arriscar sua fama de cientista com um romance cuja história é a ficcionalização da etapa mais interessante de sua missão. Missão essa feita em nome da ciência, cuja coleta de material deveria obrigatoriamente render resultados instigantes, senão até inéditos para a pesquisa. Em oposição a esta produção, *Frey Apollonio* poderia ser recebido como uma leitura de divertimento e passatempo, desprendida do *pensum*,⁶ o que ainda era pouco aceito nos meios acadêmicos.

Ainda assim houve um certo apoio por parte de alguns amigos de Martius, incentivando-o para a publicação do romance. As únicas informações mais precisas das quais dispomos se encontram na edição alemã. Erwin Theodor Rosenthal, que é o transcritor do manuscrito, tradutor para a versão brasileira e editor de ambas as obras, acrescentou, a título de posfácio, uma pequena porém interessante observação. Nesta consta que, após alguns anos, Martius corrigiu o texto de 1831 e deixou copiá-lo para que chegasse às mãos de alguns leitores e quem sabe até editores. A cópia, escrita por outro punho, traz complementações e algumas poucas correções do autor.⁷ Talvez, assim supomos, seja esse o resultado de sugestões formuladas pelos “amigos”, para os quais o autor redigiu um breve prefácio assinando com o seu anagrama. Na versão brasileira, infelizmente, foram traduzidas somente algumas passagens desse prefácio. Neste, Martius revela estar preocupado com o potencial de veracidade do romance. Segundo o autor, os acontecimentos baseiam-se em “ocorrências reais”. E declara: “suas personagens viveram; conheci-as e tomei

5 *Idem*, *op. cit.*, p. X-XI.

6 Roland Barthes e A. Compagnon, “Leitura,” in *Enciclopedia Einaudi*, Lisboa, 1987, vol. 11, p. 195.

7 Erwin Theodor Rosenthal, “Nachwort,” in C. F. P. von Martius, *Frey Apollonio — ein Roman aus Brasilien*, *op. cit.*, p.155.

parte ativa em sua existência, ou então lhes ouvi narrar as experiências”.⁸ Seus destinos se entrecruzam de tal maneira, revelando-se magicamente ao jovem autor, que quando descritos a alguns leitores não passariam de fantasiosa fábula. O que acrescentou são reflexões sobre situações peculiares, e descrições de uma estranha e impressionante natureza, que agiu com muita força sobre a alma do observador. E por fim, demonstrando-se preocupado com os eventos históricos faz uma curiosa comparação entre o destino dos alemães e da humanidade do Novo Mundo: tranquilizadora e consoladora, porém, emerge a imagem da humanidade americana — sobretudo ao alemão na sua dor pela pátria — pois esta imagem oferece critério duplo: tanto para o juízo da sorte humana do indivíduo num Estado da mais profunda decadência, bem como para a esperança em uma virada favorável no destino de um povo. Povo este (tal qual o Nosso, apesar do *Genius antigermanicus* na história universal) que continua existindo.⁹

Como apontado, o romance fundamenta-se em acontecimentos reais. A ação principal se desenrola na viagem pelo Amazonas a dentro, chegando até o Rio Japurá — nos limites do Brasil com a atual Colômbia — ponto mais ocidental que Martius realmente pôde atingir. De fato, a figura de Frei Apolônio já aparece no volume dois, da *Viagem pelo Brasil*. Foi este capuchinho italiano que forneceu o substrato para a criação do personagem central. Riccardo — no romance um imigrante italiano — foi inspirado no Capitão Zani, que por conhecer muito bem a região do Rio Amazonas serviu como guia durante a expedição de Spix e Martius. E o personagem Hartoman é o próprio Martius. Trata-se de um apelido, assim revela um diário inédito do autor, que lhe foi conferido na hospedaria quando de sua morada em Munique.¹⁰ Gregório, o índio companheiro, também participou de uma etapa da viagem de 1817 a 1820. Já os personagens incas Pachacutec, a irmã e o pai Tsomei não remetem a pessoas específicas. Eles, dentre outros, poderiam ser entendidos como uma abstração estereotipada de tipos étnicos e culturais construída pelo olhar europeu do autor.

O deslocamento geográfico se justifica tanto pela missão catequizadora de Frei Apolônio, como pela peregrinação científica de Hartoman, cujo espírito empreendedor encontrou eco no comerciante Riccardo, que se sentiu alentado em acompanhá-lo. Ao longo de toda a obra, a narrativa é construída com os diálogos entre os personagens, nos quais se desvelam os dramas de cada destino humano e as ações aventurescas propiciadas pela viagem. É ela que

8 Martius *apud* E. T. Rosenthal, “Apresentação,” in Martius, *Frei Apolonio — um romance do Brasil*, *op. cit.*, p. XI.

9 Frey Appollonio — *ein Roman aus Brasilien*, *op. cit.*, p. 1.

10 E. T. Rosenthal, “Apresentação”, *op. cit.*, p. XIII.

pontua o tempo presente e o espaço físico. O passado é evocado pelas lembranças dos personagens, expressas nas conversas. Amores malogrados, guerras, revoluções e fugas, aparições sobrenaturais e coincidências misteriosas marcam o percurso das vidas das pessoas, sugerindo o desenvolvimento de suas personalidades. Diferenças religiosas, culturais e raciais mapeiam a concepção de um mundo cosmopolita, por meio da qual o leitor se vê ora transportado à Europa, ora à Ásia, proporcionando uma diluição do espaço geográfico e temporal da narrativa.

Os efeitos da colonização européia na América também não deixam de ser importante ponto de discussão. Questiona-se a diferença entre a Europa e o Novo Mundo, caracterizada de um lado pela idealização do ambiente natural dos trópicos e do outro, pela crença na superioridade cultural do branco. Apesar disso, é recorrente o tema da lassitude do mundo europeu de cuja realidade deseja-se escapar. A paixão pela natureza selvagem e as oscilações anímicas, provocadas pela percepção do indivíduo como uma totalidade submetida a uma força misteriosa condutora dos destinos humanos, são projetadas na pujança da mata equatorial. Esta torna-se espaço romântico de meditação e palco de encontros e vivências inusitados entre os personagens.

No já mencionado posfácio também ficamos sabendo que a escolha do título deste romance “exótico” suscitou algumas dúvidas. Dentre as possibilidades expressas na cópia do manuscrito fica evidente que Martius muito experimentou. Ao que tudo indica, o editor decidiu fazer uma adaptação, formulando o seguinte título: *Frey Apollonio — ein Roman aus Brasilien, erlebt und erzählt von Hartoman*, cuja completa tradução é *Frei Apolônio — um romance do Brasil, vivido e narrado por Hartoman*, ou encurtando, *Frei Apolônio — um romance do Brasil*. O subtítulo *Roman aus Brasilien* somente aparece em uma das propostas do original: *Frey Apollonio, Menschen und Naturgemölde. Ein Roman aus Brasilien, nach Erlebnissen und Erzählungen von Carl Hartoman* (*Frei Apolônio, quadros humanos e da natureza. Um romance do Brasil, segundo vivências e narrativas de Carl Hartoman*). Mas o autor também pensou em se remeter exclusivamente à região geográfica, onde a história se passa, tendo formulado o seguinte: *Frey Apollonio, Bilder vom Amazonasstrome. Aus den Papieren C. Hartomans* (*Frei Apolônio, quadros do Rio Amazonas, segundo apontamentos de C. Hartoman*).¹¹

Numa possível polêmica na escolha do título justo, uma vez que ignoramos o favorito de Martius, a variante de um romance do Brasil, em oposição aos quadros do Rio Amazonas, parece-nos muito mais instigante. Enquanto a primeira sugere a abstração de uma idéia da territorialidade nacional, a segunda se restringe a um local geográfico específico. Nesse sentido, se

11 *Idem*, “Nachwort”, *op. cit.*, pp. 155-6.

tivéssemos que caracterizar a imagem de Brasil que o autor cria no romance, nos depararíamos de antemão com o curioso fato de que os personagens centrais não são brasileiros.

Frei Apolônio é um nobre português, cujas desgraças forçaram sua emigração da terra pátria, resultando numa peregrinação pelo mundo, que de início era laica tornando-se religiosa. O personagem passa por uma série de transformações, sintetizando a crença no desenvolvimento da alma humana. Termina seus dias dedicando-se ao trabalho de catequese dos índios amazonenses. Riccardo é o imigrante italiano, marcado por inúmeras aventuras e acidentes ocorridos em solo europeu. Consegue sua sorte no Novo Mundo e um dia, tendo voltado à Europa, desaparece. Hartoman é o alemão naturalista viajante, cuja estadia na região do Rio Amazonas é temporária, em função de seus objetivos científicos. Pachacutec, a irmã e Tsomei são incas e vieram procurar subterfúgio na solidão da selva amazônica brasileira. Lá se estabeleceram, escapando da força destruidora do colonizador europeu. Ainda há um personagem misterioso, que inexplicavelmente some e aparece. Ele é filho de Apolônio, nascido nas Arábias. A bela índia Esperada, catequisada e fiel ao seu missionário, e o índio Gregório, “companheiro” de Martius, são os únicos personagens locais, para não dizer brasileiros, que assumem certa relevância. No entanto, o destino trágico de Esperada faz com que não consiga se salvar de um surto de varíola que assola a missão de Frei Apolônio.

O que poderia ser entendido em *Frey Apollonio* como brasileiro, sucumbe a uma “desnacionalização”. Talvez possamos cercar a intenção desta metáfora do esvaziamento do nacional, voltando ao prefácio do autor e nesse sentido sublinhando sua importância no contexto da obra. A comparação do destino da humanidade americana com o do povo alemão tece uma aproximação entre a história do romance e a forma de Martius experienciar sua contemporaneidade. A ficcionalização da viagem científica constrói um ambiente, que embora longe do cotidiano alemão, traduz a visão de mundo do autor. Ao expressar o desejo de sintetizar a universalidade romântica num espaço geográfico ainda intocado pela “cultura e civilização”, o romance do Brasil pode ser compreendido como o abrigo de uma apreensiva interpretação de Martius acerca da realidade alemã, onde o “povo (...) na sua dor pela pátria” (talvez fazendo alusão às agitações iniciadas pelos acalentados ventos parisienses, que sopravam desde o verão de 1830), se vê ameaçado por um “*Genius antigermanicus*”¹².

Texto apresentado na sessão A Utopia da Grande Literatura, 19/7/1993.

12 Ver nota 9, acima.